

DISSIDÊNCIA E APOSTASIA: ASPECTOS ÉTICOS DO RELATO DE JUÍZES 17 e 18

Érico Tadeu Xavier¹
Tiago Dias de Souza²

Resumo

A apostasia entre os cristãos tem sido uma preocupação desde os tempos antigos e continua a ser uma questão relevante hoje. Os relatos bíblicos ilustram numerosos casos em que Deus se posiciona contra a dissidência e o estabelecimento de ministérios paralelos que desencaminham as pessoas na falsa adoração. Este estudo visa demonstrar, a partir do exemplo de Mica, os perigos da dissidência e da prática de ministérios paralelos em relação à obra de Deus. Enfatiza que a adoração a Deus deve estar alinhada com seus propósitos, em vez de ser baseada em interpretações pessoais. O livro de Juízes apresenta narrativas de libertação, mas também destaca o caos espiritual que surgiu entre o povo de Deus, principalmente devido à idolatria e à apostasia. As consequências do sincretismo afetaram os aspectos sociais, políticos e religiosos da vida dos israelitas como resultado da sua desobediência aos mandamentos de Deus. O exemplo bíblico mostra claramente que a falsa adoração desafia diretamente o Criador, levando à apostasia e à dissidência dentro da comunidade dos crentes.

Palavras-chave: Adoração; Apostasia; Dissidência.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Received: 30/09/2023
Approved: 10/12/2023

Como citar: XAVIER, E. T.; SOUZA, T. D Dissidência e apostasia: aspectos éticos do relato de Juízes 17 e 18. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1420, 2023. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1420>

¹ Doutor em ciência da religião pela Atlantic International University – AIU, Honolulu, (Havaí), e em teologia pelo South African Theological Seminary, (África do Sul). Professor no Seminário Latino-Americano de Teologia do Instituto Adventista Paranaense - IAP, Paraná, (Brasil). E-mail: etxacademico@gmail.com

² Doutorando em Teologia pela Faculdades EST, Rio Grande do Sul, (Brasil). Pastor distrital na AMT/UCOB. E-mail: pr.tiagodias@hotmail.com



DISSENT AND APOSTASY: ETHICAL ASPECTS OF THE REPORT OF JUDGES 17 AND 18

Abstract

Apostasy among Christians has been a concern since ancient times and continues to be a relevant issue today. Biblical accounts illustrate numerous instances in which God stands against dissent and the establishment of parallel ministries that mislead people into false worship. This study aims to demonstrate, based on the example of Micah, the dangers of dissent and the practice of parallel ministries in relation to the work of God. It emphasizes that the worship of God must be aligned with his purposes rather than be based on personal interpretations. The book of Judges presents narratives of liberation, but it also highlights the spiritual chaos that arose among God's people, mainly due to idolatry and apostasy. The consequences of syncretism affected the social, political, and religious aspects of the lives of the Israelites as a result of their disobedience to God's commandments. The biblical example clearly shows that false worship directly challenges the Creator, leading to apostasy, and dissent within the community of believers.

Keywords: Worship; Apostasy; Dissent.

DISIDENCIA Y APOSTASÍA: ASPECTOS ÉTICOS DE JUECES 17 Y 18

Resumen

La apostasía entre los cristianos ha sido motivo de preocupación desde la antigüedad y sigue siendo un tema relevante en la actualidad. Los relatos bíblicos ilustran numerosos casos en los que Dios se pronuncia contra la disidencia y el establecimiento de ministerios paralelos que desvían a la gente hacia falsos cultos. Este estudio pretende demostrar, a partir del ejemplo de Micaía, los peligros de la disidencia y la práctica de ministerios paralelos en relación con la obra de Dios. Subraya que el culto a Dios debe estar en consonancia con sus propósitos, en lugar de basarse en interpretaciones personales. El libro de los Jueces presenta relatos de liberación, pero también destaca el caos espiritual que surgió entre el pueblo de Dios, debido principalmente a la idolatría y la apostasía. Las consecuencias del sincretismo afectaron a los aspectos sociales, políticos y religiosos de la vida de los israelitas como consecuencia de su desobediencia a los mandamientos de Dios. El ejemplo bíblico muestra claramente que la falsa adoración desafía directamente al Creador, conduciendo a la apostasía y a la disensión dentro de la comunidad de creyentes.

Palabras clave: Culto; Apostasía; Disensión.



INTRODUÇÃO

A preocupação atual com a apostasia entre aqueles que professam ser cristãos é tão relevante quanto era nos tempos antigos. A Bíblia narra vários relatos onde Deus expressou a sua posição sobre a natureza do culto e as escolhas pessoais e individualistas que podem resultar em dissidência e no estabelecimento de ministérios que se desviam da orientação divina. Esta questão, em particular, diz respeito à Lei de Deus, que ordena inequivocamente a rejeição de outras divindades ou de quaisquer formas alternativas de adoração que não se centrem apenas no Senhor.

Numa era marcada pela proliferação contínua de diversas igrejas e crenças, inclusive entre os autoproclamados cristãos, e onde as interpretações humanas são exaltadas acima dos decretos divinos, é essencial destacar a adoração genuína de acordo com os desejos de Deus, conforme articulado na sua Palavra. Esta ênfase é necessária para evitar a disseminação de interpretações individualistas que poderiam levar a divisões entre o povo de Deus, constituindo uma ameaça para as almas e causando discórdia dentro da igreja.

A Divisão Norte-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia (DIVISÃO NORTE-AMERICANA, 2008) instrui que o perigo representado por ministérios paralelos e entendimentos divergentes para a vida espiritual dos membros da igreja e a manutenção da harmonia e unidade da igreja é preocupante. Este perigo envolve descrença, desilusão para com a igreja de Deus, enfraquecimento da igreja, perda do propósito missionário e, principalmente, condenação eterna para aqueles que, por divergências ou dúvidas, se desviam de seguir as doutrinas bíblicas.

A Palavra de Deus fornece vários exemplos de indivíduos que, desviando-se dos propósitos divinos, estabeleceram posições dissidentes e ministérios paralelos, o que levou não apenas o indivíduo, mas todo o povo à apostasia. Um desses exemplos é narrado no livro de Juízes 17 e 18, fato que mostra claramente as consequências de tomar posições contrárias aos mandamentos divinos e agir de acordo com os próprios interesses e desejos em matéria de adoração a Deus.

O estudo do ministério paralelo, levantado por Mica e a tribo de Dã, revela alguns pontos que podem ser úteis para compreender a adoração a Deus e como as interpretações e decisões pessoais podem dissociar-se dos propósitos divinos, levando o povo à idolatria e à apostasia. Ao mesmo tempo, os exemplos narrados na Palavra de Deus



são fontes de luz para vermos o verdadeiro propósito da adoração e como podemos nos prevenir dos ataques do inimigo quando ele apresenta dúvidas em relação ao ministério adventista. À luz desta situação, que possíveis riscos os ministérios paralelos poderiam causar à unidade eclesiológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

O objetivo deste estudo é demonstrar o perigo da dissidência e da prática de ministérios paralelos à obra de Deus. Com base no contexto apresentado no livro de Juízes, busca-se demonstrar que a adoração a Deus deve ser feita de acordo com os Seus propósitos e não de acordo com a interpretação pessoal de cada adorador, como é o caso do relato de Mica.

Breves considerações sobre o livro de Juízes

O livro dos Juízes, classificado como um dos livros “históricos” da Bíblia Sagrada, apresenta uma combinação de narrativas sobre a vida do povo israelita. Enfatiza especificamente os líderes que surgiram dentro das doze tribos, oferecendo *insights* sobre o estilo de vida dos israelitas após o seu estabelecimento em Canaã. Por meio de seu conteúdo, o livro lança luz sobre questões políticas, sociais e religiosas, ilustrando as complexidades das relações interpessoais e do vínculo com o divino.

O livro de Juízes narra a situação das tribos de Israel após a tomada da terra e antes do início da monarquia em Israel. É a época pré-estatal, frequentemente chamada de “época dos juízes”. A época da conquista da terra está encerrada; agora a terra deve ser protegida de inimigos externos. Responsáveis por esta proteção são, conforme o relato, os juízes (*sofetim*); esse é o motivo por que o livro recebeu o esse nome na tradição judaica e cristã (RÖSEL, 2009, p. 48).

A Bíblia Plenitude (2010) sugere que os eventos descritos no livro dos Juízes provavelmente ocorreram entre 1380 e 1050 a.C. Contudo, o Comentário Bíblico Adventista (DORNELES, 2012, v. 2, p. 308) propõe um período ligeiramente diferente, situando-o entre 1400 e 1050 a.C. Da mesma forma, Gleason L. Archer Jr (1984, p. 201) também apoia um período entre 1400 e 1100 a.C. A razão por trás desta suposição é a menção do escritor de que durante o tempo dos Juízes não havia rei em Israel (Jz 17:6), o que sugere que o livro foi escrito após o período inicial da monarquia, após a coroação de Saul. Embora a autoria do livro seja comumente atribuída a Samuel, permanece alguma incerteza em torno desta afirmação.



Segundo Gibert (1999), o período histórico retratado no livro dos Juízes abrange mais de duzentos anos de história, significando a mudança política da governança tribal para a monarquia e a intervenção do Estado em questões religiosas. Isto é evidente nas quatro citações onde é mencionado que “naqueles dias, não havia rei em Israel” (Jz 17:6; 18:1; 19:1; 21:25, ARA), sob o contexto da ausência de autoridade centralizada, controle social e político, e orientação religiosa, apesar da existência da lei de Deus dentro da comunidade, salvaguardada e transmitida pelos levitas.

Após a morte de Josué, as tribos de Israel ficaram sem um líder designado para protegê-las das nações hostis, tendo apenas a voz dos anciãos de cada tribo como autoridade. Como destaca Erhard Gerstenberger (2007, p. 150), “cada membro da tribo realizava suas próprias tarefas pessoais”. Devido à sua autonomia, cada tribo perseguia os seus interesses individuais, o que dificultava a aproximação entre elas e as expunha aos ataques dos povos vizinhos (como os filisteus, os cananeus, os midianitas, os moabitas, os amonitas).

O individualismo tribal facilitou a introdução de doutrinas estrangeiras, e a apostasia do próprio povo trouxe sobre ele a opressão das nações vizinhas. Apesar disso, Deus levantou homens de personalidade forte, capazes de impor a moralidade e liderar as tribos, que estavam dispostos a ser guiados pelo Espírito Santo, e, conseqüentemente, alcançar a vitória através do poder de Deus. Esses homens eram conhecidos como Juízes e serviam como protetores, árbitros ou líderes, auxiliando na consolidação das tribos na terra de Israel.

Depois da conquista da terra começa, com a época dos juízes, uma época fundamentalmente diferente [...] condicionada pela mudança de comportamento de Israel. Durante a vida de Josué o povo se mantinha fiel a Javé (Js 24:31; Jz 2:7), mas agora comete apostasia. Passando a adorar deuses estranhos, os Baalins, Israel enfrenta dificuldades que os juízes podem reverter – embora apenas o consigam temporariamente, até que Israel de novo se mostre desobediente (SCHMIDT, 1994, p. 145).

O livro de Juízes, portanto, refere-se aos feitos dos homens que fizeram o papel de “salvadores”, que fizeram vigorar a justiça, estabelecendo o direito e a fidelidade a Deus e de guerrear em favor das tribos. O próprio nome do livro, em hebraico *šōpəṭîm* (Jz 2:16, 18), e em grego *kritai* (Dt 1:16, LXX), refere-se ao nome dado a esses líderes (SELLIN; FOHRER, 1977). Entre esses homens, seis juízes são considerados maiores (Otniel, Eúde, Baraque, Débora, Gideão, Jefté e Sansão) e seis são considerados menores (Sangar, Tola,



Jair, Ibsã, Elom e Abdom). De acordo com Martin Rösel (2009, p. 48), “os juízes maiores eram comandantes carismáticos que lutaram contra os inimigos de Israel; os juízes menores, ao contrário, eram, de fato, juízes ou então príncipes locais”.

Apesar dos relatos da libertação do povo por Deus encontrados no livro dos Juízes, a obra também retrata a desordem espiritual que se instalou em certas tribos, como observa Champlin (2000, p. 1068): “de uma perspectiva teológica, os capítulos 17 a 21 de Juízes servem como um epílogo que oferece exemplos de apostasia religiosa e degradação social que definiram a era dos juízes de Israel”.

Assim, os cinco capítulos do livro dos Juízes retratam ocorrências que não dizem respeito à libertação trazida pelos Juízes, mas sim à apostasia de certos indivíduos e tribos específicas, possivelmente num tempo anterior aos juízes, com esta seção caracterizada por “um espírito geral de ilegalidade” de acordo com o Comentário Bíblico Beacon (2009, p. 146).

O relato de Mica e os acontecimentos em torno da tribo de Dã (principalmente) indicam claramente que o povo se afastou da sua fé, pois há um desvio notável das normas estabelecidas por Deus e transmitidas a Moisés e Josué. São relatados incidentes que demonstram como certos indivíduos da comunidade, incluindo membros do sacerdócio, se desviaram dos mandamentos de Deus, especialmente em relação a questões de culto. A esse respeito, Cundall e Morris (1986, p. 174) observam que, na narrativa das seções suplementares do livro de Juízes, “tomamos plena consciência dos baixos padrões morais, das crenças religiosas degradadas e da estrutura social desordenada” que permeou a comunidade israelita.

Ellisen (2007) destaca em sua análise que o livro de Juízes ressalta os resultados inevitáveis da idolatria e da desobediência a Deus. Essas consequências manifestam-se por meio da aflição imposta ao povo pelos seus adversários e pelo julgamento divino, resultando na privação das bênçãos que Deus lhes concedera. Rösel (2009, p. 49) observa ainda que durante esse período, o povo rompe sua aliança com Deus e começa a adorar ídolos, resultando na punição de YHWH a Israel por meio da intervenção de uma nação estrangeira.

As ações de Mica e de seus associados oferecem uma rica fonte de material para analisar os efeitos adversos ligados à dissidência e apostasia em relação aos mandamentos divinos e à adoração genuína. Ao examinar essas ações, pode-se obter uma



compreensão mais profunda do dano potencial que surge ao se desviar do caminho da verdadeira devoção.

Adoração e apostasia – o exemplo de Mica

Segundo Champlin (2000), a narrativa da vida de Mica parece desfocada desde a época dos juízes, remetendo a períodos anteriores em que se estabeleciam as divisões das terras cananeias, muito provavelmente durante a era de Otniel, o juiz inicial.

A ênfase na afirmação “cada um fazia o que lhe parecia certo” (Jz 17:6; 21:25, ARA) sublinha a ignorância ou a indiferença para com a vontade de Deus, possivelmente decorrente da influência duradoura das tradições egípcias, das quais os israelitas foram libertados.

De acordo com Gregory K. Beale (2014, p. 73), “até a geração de israelitas do deserto foi idólatra”. O costume idólatra de fazer deuses para adoração era comum no Egito e entre os povos da época. Mas esse costume deveria ser banido do povo de Israel por ordem do próprio Deus (Cf. Ex 20:2-4), embora os seus antepassados tivessem adquirido tal forma de adoração, o que é percebido em diversas passagens, destacando-se a ocasião em que Moisés subiu ao monte e o próprio Arão, a pedido do povo, fundiu uma estátua de ouro para que eles a adorassem.

O sincretismo ocorrido teve efeitos devastadores nos aspectos sociais, políticos e religiosos da vida dos israelitas, que deveriam servir de exemplo para outras nações. Josué advertiu o povo a não se misturar com a população cananeia, nem a explorar ou adorar suas divindades, mas a permanecer devotado exclusivamente ao Senhor (Js 23:7; 24:23). Mas o povo fez ao contrário do que Josué lhes orientara, sofrendo, por isso, as consequências “[...] da idolatria persistente, das práticas pagãs, da desobediência à lei de Deus e do desprezo pelos profetas” (NORONHA, 2010, p. 300).

O caso de Mica serve como um exemplo claro de que a combinação de adoração falsa e verdadeira não agrada a Deus, apesar de seu potencial atrativo para os indivíduos. Envolver-se numa forma de adoração que se desvia das orientações prescritas por Deus não é apenas desrespeitoso, mas também ofensivo. Ao ir contra o mandamento divino, Mica não só colocou em risco o seu próprio bem-estar espiritual e o da sua família, mas também preparou o caminho para que toda a tribo caísse na apostasia.



Aspectos da história de Mica: dissidência e apostasia

Analisando os diversos aspectos da vida de Mica, percebe-se que seu culto idólatra teve origem com sua mãe. No entanto, o caráter de Mica já se mostrava desvirtuado anteriormente, não sendo ele fiel aos mandamentos de Deus de honrar o pai e a mãe e não roubar (Jz 17:2; Ex 20:12,15).

Cundall e Morris (1986, p. 175) definem o nome Mica como comum na época, sendo uma forma abreviada de *Mikāyahû*, que significa “quem é como Deus?” (). Contudo, Mica não fez jus ao seu nome, ao agir pela sua própria razão, e não segundo as orientações divinas.

O capítulo 17 de Juízes inicia descrevendo Mica como um homem da região montanhosa de Efraim, provavelmente entre Betel e Esdrelon, na rota entre a porção tribal de Dã e a cidade de Laís, no extremo norte. Ele é apresentado, já de início, como um filho ladrão que a mãe, sem saber, amaldiçoa. Mica havia roubado de sua mãe uma importância de 1.100 peças de prata, equivalente a 725 dólares, conforme Davis (1980, p. 393). Mica não restituiu esse valor voluntariamente, mas em razão das maldições que a mãe rogava contra o ladrão. As superstições da época atribuíam grande valor ao poder da maldição, e Mica acreditava que ela poderia ser neutralizada por uma bênção proferida pela pessoa que a lançou. Foi com esse propósito que sua mãe o abençoou logo após a confissão e devolução do dinheiro. Ela dedicou o dinheiro ao Senhor e o devolveu a Mica para fazer uma imagem de escultura e outra de fundição. Porém, ele restituiu o valor à mãe, que usou parte dele para fazer a imagem, que ficou na casa de Mica. A partir daí, Mica adquiriu outras imagens (ídolos do lar), pois está escrito que ele “veio a ter uma casa de deuses” (Jz 17:5), pontua Warren W. Wiersbe (2019, p. 156-157).

Segundo Cundall e Morris (1986, p. 175), a mãe procurava “exagerar a hediondez do roubo e, assim, aumentar as chances de restituição, e ninguém se atreveu a usá-lo para qualquer outro propósito”. Sua tentativa de neutralizar a situação envolveu pronunciar uma bênção e dedicar a prata a Deus, mas ela demonstrou ignorância ou indiferença no que concerne ao culto israelita, que proibia a confecção de qualquer imagem esculpida para adoração (Êx 20:4, 23; Dt 4: 16).

O comportamento da mãe indica falta de conhecimento de Deus, pois prevaleciam em sua vida a superstição e a apostasia, características dos povos dos quais Deus havia separado Israel. Ela comumente fazia imagens e ídolos domésticos, por isso alocou uma



parte de seu dinheiro para criar ídolos para adoração. Gane (1996) explica que, como Deus não se revela aos humanos, não há base sólida para representá-lo. Embora alguns indivíduos tenham testemunhado a glória de Deus, a Sua face permanece não revelada à humanidade pecadora. Deus só se tornou acessível aos humanos na forma humana e nunca permitiu a produção de um objeto — seja em escultura ou pintura — para representação e adoração. Qualquer adoração dirigida a um objeto, ídolo ou imagem distorce e degrada a majestade de Deus, sendo esta a razão pela qual Deus proibiu estritamente a fabricação ou adoração de ídolos nos Dez Mandamentos.

No entanto, Mica, embora conhecesse esse regulamento, sucumbiu à influência da mãe e abraçou a sua apostasia, transformando-se em idólatra e dissidente. Ele estabeleceu um santuário para os deuses e nomeou um de seus filhos como sacerdote, concedendo-lhe uma vestimenta sacerdotal que simbolizava a sua autoridade religiosa. A igreja pessoal de Mica evoluiu para um ministério autônomo, onde ele se envolveu em idolatria e adorou suas divindades, embora ainda professasse fé em Deus. Estas ações contradiziam flagrantemente a lei de Deus e os ensinamentos de Moisés, conforme destacado por White (2006, p. 305, 306).

“Não terás outros deuses diante de Mim” (Ex 20:3-17). Jeová [...] é o único que tem direito a reverência e culto supremos. Proíbe-se ao homem conferir a qualquer outro objeto o primeiro lugar nas afeições ou serviço. [...] O segundo mandamento proíbe o culto ao verdadeiro Deus por meio de imagens ou semelhanças. [...] Deus declarou que tal culto é pecado. A tentativa de representar o Eterno por meio de objetos materiais rebaixaria a concepção do homem acerca de Deus. A mente, desviada da perfeição infinita de Jeová, seria atraída para a criatura em vez de o ser para o Criador. E, rebaixando-se suas concepções acerca de Deus, semelhantemente degradar-se-ia o homem.

Assim como Deus exige exclusividade no primeiro mandamento, o segundo mandamento proíbe a adoração idólatra a Ele. Apesar da distinção entre idolatria e adoração de outros deuses, existe uma ligação subjacente entre eles. Adorar um ídolo, mesmo que esse se assemelhe a Deus (como se isso fosse possível), equivale a adorar outros deuses, uma vez que o foco da adoração está no ídolo e não diretamente em Deus. Enquanto as nações pagãs adoravam outras divindades, Mica, apesar de afirmar adorar a Deus, comportava-se de maneira egocêntrica e materialista, tratando o Senhor de maneira semelhante à forma como os pagãos consideravam Baal (GANE, 1996).



Conquanto não houvesse um rei, não estavam os homens entregues ao seu *bel prazer*, pois deviam obediência ao Rei invisível. No entanto, eles faziam o que bem lhes parecia, como destaca o Comentário Bíblico Adventista (DORNELES, 2012, v. 2, p. 420): “a anarquia prevalecia. A força era a lei, e os homens se deixavam guiar por seus caprichos e não pelas instruções das leis de Deus. Aos israelitas se lhes havia advertido que não deviam governar-se por tal filosofia de vida”.

A conduta de Mica e de sua mãe reflete o comportamento de numerosos cristãos que, sem querer, vão contra os ensinamentos divinos sobre a verdadeira adoração. Ao negligenciarem a defesa dos mandamentos de Deus, desrespeitam o Criador, adorando imagens feitas pelo homem ou dando maior importância e valor a posições, dinheiro, objetos e indivíduos do que a Deus. Mica inicialmente se desviou dos princípios morais ensinados por Moisés, cometendo roubos e desonrando sua mãe. Posteriormente, com a ajuda de sua mãe, que também demonstrou infidelidade aos princípios divinos, ele desonrou diretamente a Deus ao oferecer adoração a ídolos em vez de ao Criador. Ele colocou sua confiança, fé e esperança nas coisas materiais em vez de no Autor da vida, revelando infidelidade para com Deus e Seus princípios.

A importância de um ensino firme nos caminhos do Senhor é evidente nesse contexto. White (2004, p. 32) afirma que “uma família bem ordenada e bem disciplinada fala mais a favor do cristianismo do que todos os sermões que podem ser pregados”. No entanto, este não foi o caso de Mica. Apesar de fazer parte do povo de Israel, sua mãe não aderiu aos princípios divinos. Sua fragilidade moral influenciou o filho, ocasionando a manifestação das consequências dessa infidelidade não só na vida de Mica, mas também na vida das pessoas a ele ligadas. Em vez de honrarem a Deus e ensinarem outros a fazê-lo, Mica e sua mãe ensinaram, com sucesso, a desonra a Deus por meio da adoração de ídolos.

O impacto pessoal na jornada espiritual daqueles que estão em nosso meio pode fortalecer o compromisso deles com Deus ou desencaminhá-los. Influenciado pela mãe, Mica afastou-se completamente da fé, envolvido pela idolatria, que consiste na adoração e devoção aos ídolos. Champlin (2000) sugere que a tentação de se envolver na idolatria está profundamente enraizada no coração humano, levando à construção de catedrais e santuários que, em última análise, fazem com que os indivíduos sucumbam à adoração de ídolos. A forma peculiar de adoração de Mica, ainda hoje predominante, originou-se de



um ídolo e evoluiu pela invocação do nome de Deus, apesar da clara proibição da idolatria na lei divina.

Atualmente, a adoração de divindades desconhecidas continua a se propagar nas igrejas e nos lares, sem que se leve em conta o fato de que estamos negligenciando a prioridade da adoração a Deus acima de tudo. Isto cria uma abertura para que os ídolos tomem o lugar de Deus nos corações dos cristãos. Esses ídolos nem sempre se manifestam em forma humana ou se destacam externamente, mas ocupam um espaço tão significativo nos corações e mentes dos indivíduos que Deus muitas vezes não encontra mais lugar em suas vidas. A esse respeito, White (2006, p. 305) adverte: “tudo o que abraçamos que tende a diminuir o nosso amor por Deus, ou é incompatível com a adoração legítima a Ele, nós o tornamos um deus”.

Ao deixar de adorar exclusivamente a Deus e priorizá-lo acima de tudo, Mica sucumbiu à apostasia e perdeu a capacidade de diferenciar entre o que é santo e o que é profano. Quando um homem que afirmava ser levita se aproximou, Mica o nomeou sacerdote no lugar de seu próprio filho, convencido de que a mera presença de um levita lhe traria bênçãos (Jz 17:12-13).

No *Comentário Bíblico Moody* (1991), afirma-se que Mica, na preparação de um santuário e na nomeação de um levita como sacerdote consagrado, concentrou-se exclusivamente nos aspectos externos do culto. Sob essa perspectiva, sua vida foi caracterizada mais pela superstição do que pela fé. A essência espiritual e religiosa de temer e honrar a Deus, o Criador, estava ausente da vida de Mica. Até certo ponto, ele estava ciente de seu erro. No entanto, em vez de voltar-se para os princípios divinos e obedecer à lei de Deus, ele tentou aumentar a sua apostasia, consagrando um levita de origem mosaica (como mencionado em Juízes 18:30, o levita era neto de Moisés), a fim de conceder autoridade ao santuário idólatra. Contudo, até mesmo esta intenção revelou-se apóstata, pois o levita não pertencia à tribo de Levi, mas sim à de Judá. Semelhante a Mica, ele não estava disposto a cumprir a vontade de Deus e ser guiado por Ele, acreditando que poderia agir como quisesse e permanecer onde desejasse (Jz 17:7-10).

Tendo esse levita concordado em assumir a função sacerdotal no santuário de Mica, ele passou a exercer autoridade sobre a família de Mica e a comunidade. Desse modo, o levita autenticou a fé sincretista de Mica e este fez “sua religião particular conformar-se mais de perto com a legislação mosaica” (CHAMPLIN, 2000, p. 1070).



A propagação da apostasia de Mica evoluiu agora para um ministério independente, paralelo e dissidente da doutrina divina. Um desvio no comportamento cristão — a aceitação de um aspecto de infidelidade à lei de Deus — transformou-se num processo apóstata. Os erros e pecados assumidos pela mãe e por Mica são agora “legitimados” por um sacerdote levita, igualmente falso e infiel aos princípios divinos. Assim, com a consciência entorpecida pelo dinheiro e pelas condições materiais, o levita passou a ensinar uma religião que agradava a Mica e ao seu povo. De modo semelhante ao que acontece hoje nos ministérios dissidentes ou apóstatas, a teologia e o estilo de adoração atendem à exaltação do poder econômico e da religião individualista, agradando aos adoradores e não ao Criador.

Ao estabelecer um ministério paralelo e dissidente, o levita desconsiderou a orientação do Senhor, adorando e levando outros a adorar ídolos. Tornou-se sacerdote particular, abandonando o santuário e o ministério levítico em troca de dinheiro. Ele abraçou doutrinas estranhas que priorizavam o dinheiro, o status e interesses pessoais acima dos interesses de Deus.

Ao longo do tempo, numerosos ministérios independentes surgiram com o objetivo de auxiliar no cumprimento da missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar de operarem fora da estrutura regular da igreja, esses ministérios têm mantido a ordem e a harmonia com a fé e a doutrina. Eles trazem bênçãos para a igreja ao realizarem tarefas que, de outra forma, a igreja organizada não seria capaz de realizar. Contudo, alguns ministérios específicos trabalham contra os propósitos da igreja, tornando-se fanáticos, idólatras, heréticos e críticos. Com isso, abalam a confiança dos membros da igreja, desviam recursos e dificultam os esforços evangelísticos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeita posicionamentos dissidentes que levantem dúvidas ou desrespeitem sua doutrina, estrutura e propósito segundo a vontade de Deus (DIVISÃO NORTE-AMERICANA, 2008).

Na sua apostasia, Mica acreditava que tudo o que fazia era em nome de Deus, sentindo-se feliz ao ver, no levita, a confirmação de que o Senhor o abençoaria (Jz 17:13), perdoando ou ignorando os seus erros e aceitando uma adoração falsa que estava longe da vontade de Deus. Apesar de se sentir confortado, Mica errou ao desrespeitar essa vontade, colocando sua fé em objetos, ao mesmo tempo em que aceitava um culto que se



desviava do que Deus havia estabelecido, mesmo sendo liderado por um sacerdote que conhecia a vontade divina.

Assim, Satanás realizou conseguiu — e continua a perseguir — seu intento de implantar na mente humana a crença de que a adoração pode ser conduzida de qualquer maneira, desde que sancionada por um líder religioso que realize os rituais. O método de adoração torna-se, então, inconsequente. Contudo, Deus não habita em templos construídos por mãos humanas (At 17:24); antes, Ele reside nos corações e nas vidas das pessoas. Quando começamos a adorar ídolos, afastamo-nos de Deus, permitindo que esses ídolos assumam o lugar divino em nossas vidas. Ainda mais prejudicial é que permitimos que o inimigo habite em nós (Mt 12:43-45), pois o espírito das trevas reside dentro do santuário pagão. As consequências da apostasia são evidentes em uma vida derrotada, ainda que a manifestação desses resultados possa ser adiada. No relato de Mica, as consequências rapidamente se materializaram, conforme ilustrado no capítulo 18 de Juízes.

A visita inesperada de cinco homens da tribo de Dã teve um papel crucial na decisão de migração da tribo com o objetivo de conquistar Laís, uma cidade cananea situada ao norte de Efraim. Ao passarem pela residência de Mica, os danitas ofereceram ao levita a oportunidade de se tornar o sacerdote de toda a tribo, convencendo-o a acompanhá-los e a levar consigo os ídolos e objetos sagrados pertencentes a Mica. Os santuários de Mica foram estabelecidos na cidade de Dã e, tempos depois, os danitas foram derrotados e levados como prisioneiros, o que resultou na destruição dos seus santuários apóstatas, conforme destacado no *Comentário Bíblico Beacon* (2009).

A presença do levita como sacerdote na casa dos deuses de Mica não assegurou a presença do Senhor em sua vida. Pelo contrário, ao estabelecer práticas pacíficas de culto ao Senhor, ele incentivou outros a seguirem o mesmo caminho. Os danitas, ao presenciarem a idolatria aberta de Mica, tentaram roubar seus ídolos e seu sacerdote, criando um santuário que rivalizava com o tabernáculo em Siló. A tribo de Dã adotou práticas apóstatas, abandonou sua herança territorial em busca de novas terras ao norte de Israel e acabou sendo levada ao cativeiro, deixando de ser contada entre o povo de Deus (cf. Jz 18; II Rs 15:29 e Ap 7:5-8). A citação de Apocalipse refere-se às doze tribos de Israel, mas a tribo de Dã e a de Efraim é omitida, pois ambas se tornaram as tribos que mais cedo e mais intensamente se contaminaram e promoveram a idolatria.



A história de Mica e da tribo de Dã exemplifica como a apostasia pode subjugar um grupo e privá-lo da herança eterna. O que começou como uma expressão de gratidão a Deus por parte de uma mulher sincera, mas equivocada, acabou desviando toda uma geração, transformando-se em uma onda de apostasia que competia com o verdadeiro santuário de Deus e a verdadeira forma de adoração (GANE, 1996).

Implicações éticas da história de Mica

A história de Mica revela alguns princípios que podem ser analisados eticamente e que, segundo Xavier (2013), podem ser assim resumidos:

- O fim não justifica os meios.
- Ministérios paralelos constituem idolatria.
- A institucionalidade divina sempre deve ser respeitada.
- Não se deve apoiar no próprio entendimento. “Cada qual fazia o que achava mais reto” (Jz 17:6, ARA).

Em relação à disseminação da apostasia, o papel do levita, como líder, teve grande influência. As implicações éticas, nesse sentido, levam a questionar o posicionamento da liderança da igreja, no sentido de se mostrar fiel aos princípios e doutrinas da IASD. Essas implicações conduzem a alguns pontos:

- A grande questão: ser ou não ser?
- Não perder de vista o chamado e a missão.
- Os interesses de Deus devem sempre prevalecer sobre os interesses particulares.
- Não transformar o cristianismo (ou o adventismo) em um amuleto ou em um meio para alcançar status, dinheiro e poder.

Dentro desse contexto, é relevante analisar a postura de cada pessoa: se estão buscando apenas o que consideram ser o caminho "certo" ou se estão se submetendo à vontade de Deus e aos princípios que merecem o verdadeiro espírito, de acordo com suas normas. A criação de ministérios dissidentes, afastados da doutrina cristã por interpretações e interesses individualistas, tem prejudicado o rebanho do Senhor, dificultando o verdadeiro propósito do Mestre Jesus, que é levar o Evangelho a todos, para que o Reino de Deus venha a nós mediante da iminente volta de Jesus.



Considerações finais

Cada engano resulta em um erro maior. Assim como o fermento que faz a massa crescer, a apostasia se expande, confirmando o que Hebreus 12:15 revela: a tendência do mal se dissemina rapidamente e contamina muitos. Da mesma forma que aconteceu com Mica e, por fim, com os danitas, muitos ministérios têm surgido, indo contra a vontade expressa de Deus, aceitando práticas permissivas e se opondo à sua lei e vontade. Um povo criado para reinar desobedece a Deus e, assim, torna-se escravo do pecado (Jo 8:34). Por isso, é imprescindível advertir aqueles que apoiam o espírito dissidente, para que não venham a apostatar da fé, enfraquecer a igreja e levar a si mesmos ou outros à perdição.

Embora existam males na igreja, e tenham de existir até ao fim do mundo, a igreja destes últimos dias há de ser a luz do mundo poluído e desmoralizado pelo pecado. A igreja, débil e defeituosa, precisando ser repreendida, advertida e aconselhada, é o único objeto na Terra ao qual Cristo confere Sua suprema consideração (WHITE, 2008, p. 49).

O apóstolo Paulo adverte, apropriadamente:

Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparte-se dos tais. Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. (I Tm 6:3-10, ARC).

Adicionalmente, Paulo aconselha os cristãos a preservarem o que lhes foi confiado, ou seja, a Palavra de Deus e a verdadeira piedade, evitando contradições e falsas alegações doutrinárias que alguns professam. Aqueles que se desviam da fé e tentam desviar os outros devem ser evitados.

Portanto, devemos evitar discussões e conversas inúteis ou profanas que possam gerar dúvidas e divisões. A prática de ministérios paralelos à obra de Deus representa uma afronta direta ao Criador, especialmente quando práticas religiosas de alguns se



misturam a práticas condenadas pela Palavra de Deus, gerando dúvidas sobre a forma correta de adorar a Deus.

Ao refletir sobre o assunto e aprofundar a questão — trazendo-a para mais próximo de nós adventistas — quando se trata do tema da proclamação do Evangelho de nosso senhor Jesus Cristo, é necessário ter muita sabedoria para evitar a promoção de qualquer modelo de espírito que esteja em desacordo com os ensinamentos bíblicos em nosso meio. Sempre consideramos que a prática da esperança — ainda que em nome de uma "boa causa" — sem levar em consideração o que o ensinamento de Cristo e a unidade da Igreja, mesmo que aparente ser piedosa, tem-se mostrado prejudicial para a igreja.

O livro de Juízes e a história de Mica apontam para a semelhança entre o povo daquela época e os cristãos atuais, que muitas vezes demonstram uma tendência a se afastar de Deus e a sofrer as consequências desse alienamento espiritual em todas as áreas de suas vidas. No entanto, o texto bíblico também revela um Deus que, apesar das quedas, desvios, apostasias e rebeliões contra os ensinamentos divinos, buscou seu povo, concedeu libertação e restaurou os que se desviaram.

Sob essa ótica, é relevante destacar que, mesmo diante de dissidências ou desapontamentos que possam surgir no meio do povo de Deus, e apesar da influência negativa de líderes ou grupos apóstatas sobre a igreja, os ataques à noiva de Cristo — a igreja de Deus — não são ignorados por Cristo. O próprio Deus protege aqueles que permanecem fiéis à sua verdade e não renunciam aos seus mandamentos em troca de favores mundanos ou egoístas. No que concerne às adversidades que a igreja enfrentaria, Jesus afirmou que “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18, ACF). E, em meio às corrupções e males, o Senhor está no comando da igreja. Conforme White (2000, p. 391) afirma: "quando acreditar que a obra está em perigo, ore: 'Senhor, guie-nos'".

Não há motivos para não confiar na condução divina, mesmo que as influências da infidelidade, da dúvida e da descrença tentem nos desviar do caminho do Senhor. Portanto, não há necessidade de duvidar ou temer que a obra não seja bem-sucedida. Deus está à frente da obra e cuidará de tudo. Se houver ajustes necessários na direção da obra, Deus os proverá e corrigirá qualquer erro (WHITE, 2000, p. 390).

Portanto, devemos estar atentos para preservar o que aprendemos e buscar um conhecimento mais profundo com fé, pois aqueles que duvidam não agradam a Deus (Cf.



Hb 11:6). A Palavra de Deus é imutável e não precisa de interpretações personalizadas e egoístas, que visam apenas aos interesses de alguns em detrimento da salvação de muitos. Mesmo que a igreja possa ter suas manchas e imperfeições, os cristãos adventistas não devem permitir que a desesperança atinja seus corações. A igreja de Cristo está pronta, pois assim é afirmado pelo noivo. O povo escolhido por Deus é aquele que se compromete a servi-lo com sinceridade e verdade. A esse respeito, White comenta que:

A vinda do Senhor está mais próxima do que quando primeiro cremos. Que admirável pensamento é esse de que o grande conflito se aproxima do fim! Na conclusão da obra enfrentaremos perigos com os quais não sabemos lidar; não esqueçamos, porém, que os três grandes poderes do Céu estão operando, que uma mão divina se encontra ao leme, e que Deus levará a cabo os Seus desígnios. Ele reunirá um povo que O há de servir em justiça. Terríveis perigos se acham diante dos que têm responsabilidades na obra do Senhor — perigos cuja ideia me faz tremer. Mas vem a palavra: "Tenho a mão ao leme, e em Minha providência levarei a cabo o plano divino". (WHITE, 2000, p. 391).

Em um mundo onde a maioria das pessoas busca viver de acordo com suas próprias vontades, almejando uma vida independente e sem compromisso com princípios e valores morais, é importante lembrar que não estamos sem um rei: Jesus Cristo é o nosso rei. Como igreja, somos a noiva de Cristo e, por isso, devemos permanecer conectados ao corpo do noivo, congregando na mesma fé.

Considerando que Deus não pode abençoar aqueles que permanecem na apostasia, causando dissensões entre o povo de Deus e afastando-o da verdadeira inspiração, podemos afirmar que a presença do Senhor na condução da igreja é superior a qualquer situação. Aqueles que permanecem fiéis à doutrina de Cristo alcançarão a vitória. Xavier (2010, p. 13) afirma: "Chegará o dia, e não tardará, em que veremos o rosto do Salvador. Nesse dia, dir-se-á: Eis o noivo, é o Senhor que conduz a igreja. Jamais a igreja deixou sozinho!"

REFERÊNCIAS

ARCHER. Gleason. **Merece confiança o Antigo Testamento?** 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

BEALE, Gregory. **Você se torna aquilo que adora:** uma teologia bíblica da idolatria. São Paulo: Vida Nova, 2014.



SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de estudo plenitude**: o livro de Juízes. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

CHAMPLIN, Russell. **O antigo testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2000. v. 2.

DORNELES, Vanderlei (ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**: Josué a 2 Reis. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. v. 2.

BEZERRA, Joede (ed.). **Comentário bíblico beacon**: Josué a Ester. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009. v. 2.

PFEIFFER, Charles; Harrison, Everett (orgs.). **Comentário bíblico Moody**: Josué a Cantares. São Paulo: Batisa Regular, 1991. v. 2.

CUNDALL, Artur; MORRIS, L. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986. (Série cultura bíblica).

DAVIS, John. **Dicionário da Bíblia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1980.

DIVISÃO NORTE-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Uma avaliação da atitude de alguns ministérios independentes contra a igreja. In: A natureza de Cristo. **Parousia**, ano 7, n. 1, p. 75-89, 1º semestre 2008. Disponível em: <https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2023/02/Parousia-A-Natureza-de-Cristo-1o-sem-2008.pdf>. Acesso em: 08 out. 2024.

ELLISEN, Stanley. **Conheça melhor o antigo testamento**: um guia com esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. 2. ed. São Paulo: Vida, 2007.

GANE, Roy. **Héroes imperfectos de Dios**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1996.

GERSTENBERGER, Erhard. **Teologias no Antigo Testamento**: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GIBERT, Pierre. **Como a Bíblia foi escrita**: introdução ao antigo e ao novo testamento. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (org.). **Manual Bíblico SBB**. 2.ed. revisada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

RÖSEL, Martin. **Panorama do antigo testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SCHMIDT, Werner. **Introdução ao Antigo Testamento**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SELLIN, Ernst.; FOHRER, Georg. **Introdução ao antigo testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977. v. 1.

WHITE, Ellen. **Testemunhos para ministros**. 4. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, Ellen. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. v. 2.



WHITE, Ellen. **O lar adventista**. 14. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen. **Patriarcas e profetas**. 16. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

XAVIER, Érico. A noiva estava linda: esperança para os desapontados com a igreja. **Revista Adventista**, ano 105, n. 1221, p. 12-13, fev. 2010. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 08 out. 2024.

XAVIER, Érico. Aspectos éticos do relato de Juízes 17. In: II **SIMPÓSIO DA SOCIEDADE TEOLÓGICA ADVENTISTA**. 2., 2013, Cachoeira. Doutrina de Deus: Ortodoxia e Dissidência. Cachoeira, BA: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Sede IAENE, 2013.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**. Santo André: Geográfica, 2017. v. 2.